



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**HOMICÍDIO FEMININO: A PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SEGURANÇA
PÚBLICA E DA FAMÍLIA DAS VÍTIMAS DE HOMICÍDIO**

Silvana Maria Bitencourt

silvana_bitencourt@yahoo.com.br

Universidade Federal de Mato Grosso

Brasil

Sara Ruth Batista de Paula

Saradepaula-@hotmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Esta pesquisa visa compreender os casos de homicídios de mulheres em duas cidades do Estado de Mato Grosso – Brasil - a partir dos estudos de gênero e da teoria feminista. No Brasil a violência contra a mulher passou a ter maior visibilidade nos anos 80, junto aos movimentos feministas, com a criação de leis destinadas ao amparo de vítimas de violência. Analisando o panorama atual e comparando-o ao contexto dos anos 80 até os dias de hoje constatamos modificações positivas no tratamento referente às mulheres em situação de violência. Contudo, mesmo com o enrijecimento de políticas punitivas e políticas públicas esses crimes continuam ocorrendo em índices elevados. Uma vez que em média 13 mulheres são assassinadas por dia no país, e apesar de ser um crime que atinge todos os ambientes sociais é mais comum que seja visto dentro das camadas populares. Nesse sentido, são as mulheres pobres e negras as maiores vítimas de violência. No Brasil, o Estado de Mato Grosso está no 5º do *ranking* nacional de violência contra as mulheres. Esses números continuam a crescer, partindo desta perspectiva se faz necessário compreender a permanência e as motivações dessa violência em suas dimensões – de gênero, geração, etnia e classe. Além disso, busca-se compreender os instrumentos de opressão utilizados pelo agressor, onde as mesmas podem variar entre humilhações, restrições, violência física ou psicológica, mas também na frequência e intensidade que pode ocorrer à morte da vítima. Para isso nos utilizamos de autores como Saffioti, Grossi, Scott, Bourdieu para o referencial teórico, e também se realizará uma pesquisa qualitativa – composta de trabalho de campo e entrevistas com as famílias das vítimas e dos profissionais de segurança que acompanharam casos de homicídio feminino a fim de compreender o olhar dos sujeitos que conheciam as vítimas quais os seus discursos em relação aos casos de violência contra a mulher que chega ao extremo, neste caso o homicídio. Assim, esta pesquisa que se encontra em andamento poderá construir para novas reflexões no que toca ao homicídio de mulheres, pois apesar de ser inexpressivo esse tipo de crime se comparado ao homicídio masculino, a grande maioria das mulheres assassinadas apresenta algum relacionamento afetivo ou familiar, afirmado assim as evidências sobre esses crimes abordados pelos estudos feministas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This research aims to understand the cases of homicides of women in two cities of the State of Mato Grosso - Brazil - from the studies of gender and feminist theory. In Brazil, violence against women became more visible in the 1980s, along with the feminist movements, with the creation of laws designed to protect victims of violence. Analyzing the current situation and comparing it to the context of the 1980s to the present day, we have seen positive changes in the treatment of women in situations of violence. However, even with the hardening of punitive policies and public policies, these crimes continue to occur at high rates. Since an average of 13 women are murdered a day in the country, and although it is a crime that strikes all social environments is more common to be seen within the popular strata. In this sense, poor and black women are the main victims of violence. In Brazil, the State of Mato Grosso ranks fifth in the national ranking of violence against women. These numbers continue to grow, starting from this perspective it is necessary to understand the permanence and motivations of this violence in its dimensions - of gender, generation, ethnicity and class. In addition, it seeks to understand the oppression instruments used by the aggressor, where they can vary between humiliations, restrictions, physical or psychological violence, but also in the frequency and intensity that can occur to the death of the victim. In order to do this, we will use a qualitative research - composed of fieldwork and interviews with the families of the victims and the security professionals who accompanied cases of homicide feminine in order to understand the gaze of the subjects who knew the victims what their speeches in relation to the cases of violence against the woman that reaches the extreme, in this case the homicide. Thus, this research that is in progress may construct for new reflections regarding the murder of women, for although this type of crime is inexpressive compared to male homicide, the great majority of the murdered women has some affective or family relationship, thus affirming the evidence on these crimes addressed by feminist studies.

Palavras chave

(Violência contra mulher, gênero, homicídio)

Keywords



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

(Violence against women, gender, homicidio)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Esta pesquisa visa compreender os casos de homicídios de mulheres em duas cidades do Estado de Mato Grosso – Brasil - a partir dos estudos de gênero e da teoria feminista. No Brasil a violência contra a mulher passou a ter maior visibilidade nos anos 80, junto aos movimentos feministas, com a criação de leis destinadas ao amparo de vítimas de violência.

Analisando o panorama atual e comparando-o ao contexto dos anos 80 até os dias de hoje constatamos modificações positivas no tratamento referente às mulheres em situação de violência. Contudo, mesmo com o enrijecimento de políticas punitivas e políticas públicas esses crimes continuam ocorrendo em índices elevados. Uma vez que em média 13 mulheres são assassinadas por dia no país, e apesar de ser um crime que atinge todos os meios sociais é mais comum que ocorra entre as camadas populares. Nesse sentido, são as mulheres pobres e negras as maiores vítimas de violência.

No Brasil, o Estado do Mato Grosso está no 5º do *ranking* nacional de violência contra as mulheres. Esses números continuam a crescer, partindo desta perspectiva se faz necessário compreender a permanência e as motivações dessa violência em suas dimensões – de gênero, geração, etnia e classe social.

Além disso, busca-se compreender os instrumentos de opressão utilizados pelo agressor, onde as mesmas podem variar entre humilhações, restrições, violência física ou psicológica, mas também na frequência e intensidade que pode levar à morte da vítima. Para isso, utilizamos autores como: Scott, (1995), Bourdieu (1999), Celmer (2010), Arraigada (2007), Henout (2001), Viera (2014), Scott (2012), Portella e Ratton (2015), para o referencial teórico, e também se realizou uma pesquisa qualitativa, onde a mesma foi composta de trabalho de campo e entrevistas com roteiro semiestruturado - por não termos realizado muitas entrevistas, realizamos as entrevistas prezando a qualidade dos dados coletados em profundidade, sendo aplicado aos conhecidos das vítimas e dos profissionais de segurança que acompanharam casos de homicídio feminino, a fim de compreender o olhar dos sujeitos que conheciam as vítimas, quais os discursos produzidos em relação aos casos



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de violência contra a mulher, esses que chegavam ao extremo, sendo o crime denominado homicídio doloso.

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo construir novas reflexões no que toca ao homicídio de mulheres, pois apesar de ser inexpressivo esse tipo de crime se comparado ao homicídio masculino, a grande maioria das mulheres assassinadas apresenta algum relacionamento afetivo ou familiar, afirmado assim as evidências sobre esses crimes abordados pelos estudos feministas.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual

A pesquisa inicia-se a partir de uma análise histórica junto à segunda onda do feminismo brasileiro que começa nos anos de 1970, visando buscar as primeiras vertentes do movimento, e como o mesmo foi decisivo dentro do país para as reivindicações das mulheres.

Deste modo, a busca por políticas de segurança contra crimes que são cometidos contra elas, utilizando-se assim o feminismo enquanto uma categoria de análise histórica (SCOTT – 1995). Joan Scott compreende as relações de violências contra as mulheres em campos bastante abrangentes, essas que podem ser chamadas ou reconhecidas como “violência de gênero”.

Entretanto, é mais comum atribuí-la ou reconhecê-la como uma violência contra o sexo oposto – homem e mulher.

Dessa forma, Joan Scott define o gênero como um elemento constitutivo das relações sociais baseados em diferenças percebidas entre os sexos, além de ser uma forma primária de dar significado as relações de poder.

Define-se o gênero como uma relação que se constrói historicamente e socialmente por meio do quesito biológico junto à contribuição cultural, portanto os papéis que cada indivíduo desempenhará após o reconhecimento da identidade de gênero.

Sendo assim, na construção dos gêneros a partir do sexo inúmeras mulheres acabam por terem papéis automaticamente atribuídos por uma questão social e cultural, tornando-se esse fator uma causa geradora e legitimadora de violências com as quais as mesmas convivem durante sua vida.

Para Celmer (2010) algumas dessas violências contra a mulher se apresentam para serem trabalhadas em três categorias: violência contra a mulher, de gênero e doméstica, que para ela apesar de serem, muitas vezes, confundidas como sinônimos, mas cada definição traz sua particularidade. Para dar uma definição mais abrangente sobre as três categorias utilizou-se a Convenção de Belém do Pará (1994), onde a violência contra a mulher é definida como qualquer



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ação que tem como base o gênero, podendo se utilizar de violência psicológica, física ou em casos extremos o ciclo chega ao fim com a morte da vítima.

A violência doméstica é a violência que vai causar danos físicos, psicológicos e sexuais. Este tipo de violência não apenas ocorre com a mulher, mas para qualquer membro ou indivíduo que também habite aquela residência. Por último, a violência de gênero que pode envolver qualquer um dos sexos, porém acaba sendo quase um sinônimo de violência contra a mulher, pois em sua maioria ela ainda é a maior afetada por esse crime.

Contudo, para Bourdieu (1999) essa categoria de violência avança até os campos do simbolismo, essa dominação também é uma “dominação simbólica” que se caracteriza pela forma de como a violência se sustenta em uma relação de hierarquização de poder de um sexo sobre o outro. Portanto, a mulher ainda tem um local diante da hierarquização social, onde o homem ainda detém determinado nível de poder diante do sexo feminino.

Para Parry Scott (2012) , essas dimensões de violência, chegam ao campo rural, onde, muitas vezes, as mulheres que vivem e trabalham nessa região, acabam sofrendo de algum tipo de violência no decorrer de sua vida e apesar da Lei Maria da Penha e das delegacias chegarem até alguns pontos dessas localidades, elas acabam por não corresponder de maneira eficaz as realidades dessas mulheres, partindo, por exemplo, do horário de funcionamento, onde as delegacias fecham e as vítimas acabam por não ter acesso por conta da rotina exaustiva de trabalho.

Nesse caso, esse texto colabora para refletirmos também sobre as limitações que o sistema tem em situações específicas, onde o crime que ocorre acaba caindo no esquecimento ou silenciamento, logo se faz necessário se pensar sobre as políticas voltadas as mulheres em situação de violências tratando de suas particularidades, para que a eficiência no combate a violência seja cada vez mais efetiva.

Foi realizada durante a pesquisa uma análise de dados, tabelas, gráficos e entrevistas de institutos (Galedés - Instituto da Mulher Negra, Agência Patrícia Galvão), voltados as discussões sobre a violência, neste sentido, esse trabalho colaborou para que pudéssemos compreender de que corpos estávamos falando ao tratar dos casos de homicídio. Sendo no Brasil, e especificamente na região-Centro Oeste (Cuiabá e Várzea Grande), onde essas mulheres das quais se fala são em sua



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

grande maioria negras e pobres. E, são essas mulheres que acabam tendo três vezes mais riscos de sofrerem de algum tipo de violência ao longo da vida. Com isso, esses dados são divergentes no que tangem a violência contra mulheres brancas, que tendem a terem seu número em relação a esses crimes diminuídos ao longo do tempo.

Para o trabalho das motivações dos crimes trabalhamos com Portella e Ratton (2015), podemos concluir a partir dessa perspectiva que os crimes em muitos casos são gerados com início de uma quebra no “ciclo” de poder que o homem exerce sobre a mulher, principalmente em relação a dependência financeira. Neste caso, essa quebra ocorre no momento em que a mulher consegue caminhar para uma condição de emancipação (independência financeira), onde a mesma passa a trabalhar e a não depender mais de seus maridos financeiramente, isso gera no homem a perda do controle que até aquele momento ele exerceu. Desta forma, o mesmo passa a procurar em outros instrumentos formas de recuperar esse controle (dominação), podendo utilizar desde restrições, humilhações, violências físicas e psicológicas para reaver esse poder de dominação.

Dentro das categorias motivacionais, dois autores foram fundamentais para entender a violência quando a mesma se justifica pela improdutividade do trabalho feminino, para Arraigada (2007) e Henout (2001), esse processo se dá por uma naturalização e socialização do trabalho doméstico ao gênero feminino, sendo assim, a mulher que não trabalha em funções exteriores ao “lar” acaba sendo vulnerável a violências produzidas pelos companheiros, pois na maioria dos casos o seu trabalho ou é invisibilizado ou não a torna nada além de uma boa dona de casa.

Por último, foi utilizado o texto de Viera (2014) para compreendermos as dimensões e as motivações de alguns crimes que se associam ao uso de drogas e álcool. Assim, mulheres que já sofrem de alguma violência e estando com parceiros que fazem uso dessas substâncias, acabam por potencializar esses episódios, e colocando a vítima numa situação ainda maior de vulnerabilidade.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

Para este trabalho contamos com uma revisão bibliográfica com os seguintes autores e autoras: Joan Scott (1990), Celmer (2010), Bourdieu (1999), Celmer (2010), Arraigada (2007), Henout (2001), Viera (2014), Scott (2012), Portella e Ratton (2015). Também foram analisadas tabelas disponibilizadas pela Delegacia de Especialidade de Homicídios e Proteção à Pessoa de Cuiabá e Mapas de Violência, utilizaram-se também reportagens jornalísticas que abordaram os homicídios e as taxas de mulheres assassinadas na região de Cuiabá e Várzea Grande.

Foi realizado um roteiro de entrevista semiestruturado com questões que foram aplicadas aos profissionais e aos conhecidos das vítimas, por não termos realizado uma quantidade elevada de entrevistas, as que foram aplicadas seguiram uma categoria de profundidade visando a qualidade dos dados recolhidos.

Os indivíduos que foram selecionados para esta pesquisa são profissionais de Segurança Pública e que atuam em campos onde esta violência está sendo estudada, e também foram selecionados os conhecidos que tiveram algum tipo de contato ou conhecimento sobre o homicídio. Por fim, foi realizada uma observação de campo na Delegacia da Mulher de Cuiabá.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análisis y discusión de datos

Lei Maria da Penha (11.340/06) e o olhar dos profissionais

Os primeiros dados obtidos com a pesquisa trazem as visões dos profissionais ao falarem da Maria da Penha (Lei 11.340/06) e como a mesma tornou-se no Brasil uma lei decisiva dentro sistema, e principalmente no que tange os direitos das mulheres. E esse é o olhar que traz boa parte desses profissionais, em geral a lei discutida é pontuada enquanto um divisor de águas entre antes e depois. É de fato inegável a importância que a lei trouxe desde que foi sancionada – sendo considerada uma das três leis do tipo mais avançadas do mundo- (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas Para a Mulher), especialmente no que diz respeito ao amparo legal dessas vítimas, criando ferramentas para que as violências contra as mulheres diminuíssem e fossem prevenidas.

Mas, se por um lado é inegável falar da lei enquanto mudança também é inegável falar dela e de suas limitações legais e que muitas vezes resvala na falha em sua aplicabilidade, apesar de sua eficácia enquanto texto de lei. Um exemplo disso são as mulheres do campo (SCOTT, 2012) que são violentadas e por não fazerem parte dos grandes centros acabam por cair no isolamento, sem o respaldo eficiente do sistema jurídico.

Hoje você tem uma mulher com poder aquisitivo maior procurando a delegacia (...) e aquelas com poder aquisitivo menor continuam, então quer dizer, nós temos as de poder aquisitivo menor que para elas a solução é isso mesmo porque ela não tem o advogado, ela não tem ninguém, então ela pensa para onde eu vou correr? É a delegacia (...) e aí nós conseguimos agregar ainda as de poder aquisitivo maior. (Profissional da Segurança Pública).

Nesse ponto é onde notamos uma contradição no que é dito pelo profissional de segurança e o que de fato presenciamos ao chegar à delegacia onde foi realizado nosso trabalho de campo:

Chegamos 14:55 entramos observamos muitas mulheres, algumas sentadas, outras em pé, a maioria sentada, a grande maioria era negra e com filhos pequenos no colo, bastante suadas e com o rosto queimado devido ao sol de Cuiabá, chegamos e primeiramente fomos tratadas com hostilidade pelo profissional HOMEM, após ter



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

me apresentado e apresentado minha bolsista o tratamento mudou, quando falei que era professora da UFMT e ela era minha aluna bolsista, logo ele mudou o tom de voz, disse que a nossa entrevistada já estava nos esperando, pediu os documentos educadamente, disse que poderíamos subir, só quando voltássemos deveríamos entregar o documento novamente, mas ela só para notificar... Infelizmente senti vergonha de estar ali buscando dados sobre violência daquelas mulheres (Diário de campo, 08/02/2017).

Desta forma, nota-se que as mulheres que estavam ali em busca de atendimento não condiziam com o perfil descrito pelo profissional, como a forma do atendimento, supondo que éramos vítimas e não pesquisadoras, o que também não condizia em um primeiro momento com o “acolhimento” que em mais de um momento foi pontuado pelos profissionais e que era quase um sinônimo não só da lei, mas do trabalho que deveria ser realizado em *prol* das vítimas.

Quem são as mulheres que morrem

Assim como na delegacia, as entrevistas e dados coletados nos apontam que as mulheres que continuam a serem violentadas e mortas no Brasil, permanecem sendo mulheres negras e pobres, dados apontam que a violência contra as mulheres negras aumentou 54% em 10 anos no país, segundo dados disponibilizados pelo Mapa da Violência:

Segundo informações do Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil, no período entre 2003 e 2013, o número de homicídios das mulheres negras saltou de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013. Em contraposição, houve recuo de 9,8% nos crimes envolvendo mulheres brancas, que caiu de 1.747 para 1.576 entre os anos. As vítimas de crimes violentos são mulheres jovens, a maioria entre 18 e 30 anos, negras e pobres.

Conforme Suelaine Carneiro do Geledés – Instituto da Mulher Negra, “a partir destes dados podemos induzir que mulheres negras são as principais vítimas da violência doméstica no Brasil”. Além disso, em ambas entrevistas realizadas tanto com a familiar que teve em sua família mulheres que sofreram agressões e tentativa de homicídio, tanto como na entrevista feita com a informante que tinha conhecimento sobre dois casos de homicídio consumado, todas as mulheres que sofreram essas violências eram mulheres negras e pobres:



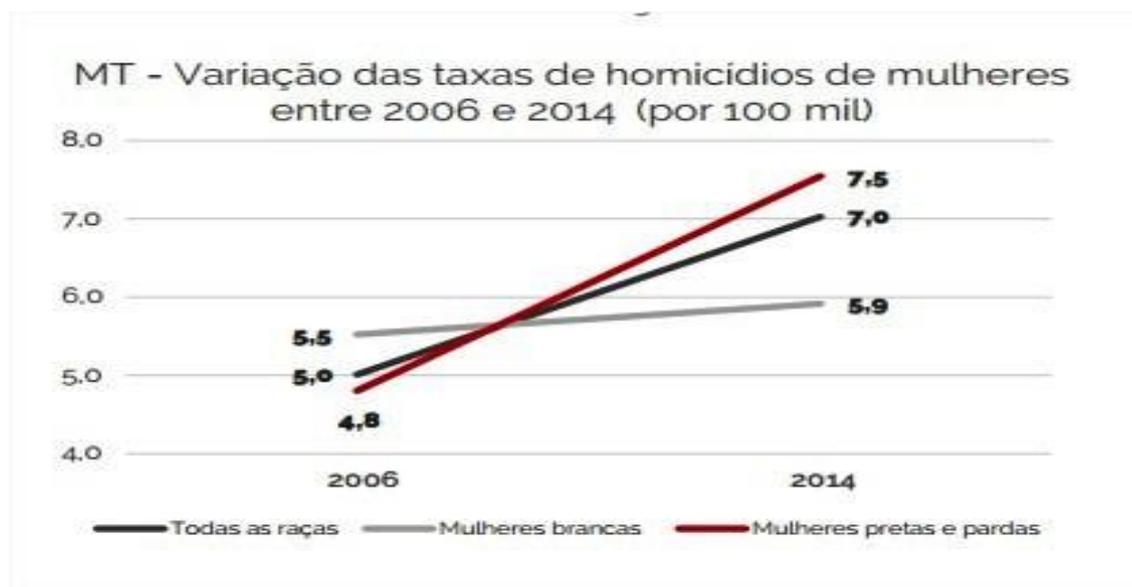
XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

MT – Variações das taxas de homicídios de mulheres entre 2006 e 2014 (por 100 mil).



Fonte: Tabela disponibilizada em: Olhar Direto - MT tem taxa de feminicídio maior que média nacional; negras e pardas são maiores vítimas. 26 fev. 2017.

Os dados coletados tendem a divergirem quando fazemos a análise das tabelas de homicídios de Cuiabá e Várzea Grande, onde majoritariamente as mulheres que estão nas estatísticas são as mulheres pardas, assim sendo, é necessário que se problematize a cultura brasileira, tornando-se imprescindível uma investigação a partir das questões de raça e etnia.

Partindo da óptica do movimento negro, pardo não se encaixaria em uma definição de raça, sendo na realidade, uma política de branqueamento histórica no Brasil e que apesar das diferenças dos contextos coloniais brasileiros para os atuais ainda traz traços muito fortes do período escravocrata. Nesse sentido, “pardo” seria apenas uma categoria utilizada visando que uma resposta as políticas públicas criadas para diminuição de crimes, principalmente no que diz respeito aos crimes vinculados a raça.

Em vista dos dados apresentados, é notável que as taxas de violência contra a população negra é histórica e permanece ainda sendo mais elevado que a da população branca, que em inúmeros momentos e contextos tem a tendência de diminuir.

O olhar dos profissionais e conhecidos da vítima e as motivações dos crimes



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

É de fundamental importância não somente a análise das mulheres que foram vítimas, mas uma junção disso com os porquês de suas causas motivadoras, nesses aspectos podem-se dividi-los por categorias, sendo que uns se aproximam mais dos dados coletados ou geralmente “mais conhecidos” como motivacionais, e por outro lado nos é permitido novas formas de compreender os porquês da ocorrência desses crimes. Dentro das entrevistas foi possível destacar e colocá-las em categorias, sendo elas: emancipação, trabalho improdutivo, instinto do homem, (drogas e álcool).

Emancipação feminina

A emancipação feminina e como essa emancipação reverbera nas relações e como a violência se torna uma maneira de suprir o controle perdido pelo homem dentro dessa situação, a partir do momento que essa liberdade se torna latente:

A minha irmã no caso, eu que assim, minha irmã é a única que tem curso superior contra a vontade da minha mãe, ela era muito independente, ela nunca gostou de ninguém mandando nela, e como o ex-namorado vem de uma família padrão, o pai e a mãe, tudo muito certinho né, e a minha mãe que queria que todas nós casássemos e minha irmã sempre falava “não gosto, não quero, não quero homem me prendendo, eu quero homem quando eu quero, mas quando eu não quero eu não quero que prenda” (...) eu acho que era isso que ele não aceitava, a liberdade dela, ela sempre foi muito livre, por exemplo na periferia a gente costuma sair só final de semana né, o sábado que ela não queria sair ela juntava o grupo de amigas que ela quisesse ir para um outro lugar ela não queria ir com ele, e acho que isso ele não aceitava, sabe (Familiar da vítima de tentativa de homicídio).

Durante a entrevista é possível notar que no contexto em que a vítima se encontrava, ela era uma mulher que pensava na sua própria liberdade, sendo dona de si e não seguindo as regras ou sendo submissa aos parceiros com o quais se relacionava, muitas vezes, até revidava algumas agressões sofridas. Nesse caso, a violência cometida pelos parceiros passa por uma relação de poder, onde o homem não consegue lidar com a mulher que se tornou independente, e se utiliza da força – violência – como instrumento para que a haja permanência do seu controle sobre ela.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Este é um dos processos que sustentam a hipótese do backlash, segundo a qual os avanços em direção a uma maior igualdade de gênero estariam produzindo um aumento na violência masculina, como uma forma de reação contra a perda de poder e tentativa de reintegrar as mulheres às estruturas patriarcais (PORTELLA, RATTON, 2015, p.196)

O outro fator que também foi posto como motivador para as violências sofridas pelas mulheres foi o da improdutividade do trabalho feminino:

Aquela que fica lá esperando o marido chegar com a jantinha pronta (...) será que existe mais homens que são violentos com esposas com esse perfil ou será que existe homens que são mais violentos com aquela esposa que pega no batente junto? Deixa as crianças na creche, no outro dia ele deixa, ela vai pro trabalho dela, ele vai pro trabalho dele e a noite os dois estão juntos? Porque eu acho que a maioria das mulheres agredidas são aquelas que ficam em casa, a do lar. Eu acho que elas são mais vítimas de agressão do que as que saem junto, que pegam no batente junto com o esposo, aí tem uma outra coisa também a ser analisada como que é essa família onde a mulher é vítima da violência doméstica por ela ser do lar, e como é a fonte de renda dessa pessoa? (Profissional da Segurança Pública)

Improdutividade do trabalho feminino

Ao contrário da motivação anterior, o caso das mulheres que são independentes e que acabam sendo agredidas para que voltem para o domínio e controle do parceiro, a segunda visão relatada por um profissional da segurança no traz o oposto, fica nítido no olhar do profissional como o trabalho masculino é valorizado, e junto dele a mulher que “pega no batente” junto ao homem, ficando notável que mulheres que fazem o trabalho doméstico que não têm valor, ou seja, seu trabalho é desvalorizado, lido enquanto improdutivo:

A produção de bens e serviços que tem lugar na esfera familiar, ou que se encaminha por meio do trabalho não remunerado, não tem visibilidade pública nem ao menos nos registros trabalhistas, razão pela qual tendeu a ser considerada como não-trabalho, segundo a clássica associação entre trabalho e emprego remunerado. Do mesmo modo, a divisão do trabalho por sexo, consolidada desde a industrialização, associa (mais no imaginário coletivo do que na realidade) a atividade masculina com a produção mercantil e a feminina com a atividade familiar doméstica. (...) Essa rígida distribuição de tarefas levou à ocultação da contribuição de uma parte significativa do trabalho realizado pelas mulheres para o bem-estar familiar e social. (ARRIAGADA, 2007, p. 243).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Assim, os homens em sua maioria têm seu trabalho (externo) reconhecido e torna-se o provedor familiar a partir da contribuição financeira, por outro lado, o trabalho das mulheres não é visto da mesma maneira, e em grande parte já é concebido de forma naturalizada, como algo comum, que todas as mulheres fazem no seu dia-a-dia, não as tornando nada além de “boa dona de casa” (HENAUT, 2001). E por conta disso não só se tornam apenas alvos mais frequentes de relações de violência como também se gera um discurso legitimador da mesma, onde a mulher independente do local em que ocupe, serão alvo e vulnerável de potenciais violências enraizadas pelo patriarcado e o machismo. Tendo em vista que essas culturas patriarcalistas resistem através do tempo e permanecem ainda hoje, mesmo com as mudanças relevantes que já obtivemos socialmente.

Instinto do homem e uso de álcool e drogas

Por fim, ainda nas realizações das entrevistas evidenciamos que outros dois fatores eram causas motivacionais para que esses tipos de crime contra as mulheres ocorressem ou se “legitimasse”. O primeiro e que foi encontrado em quase todas as entrevistas, foi o uso excessivo de álcool e drogas por partes dos companheiros das vítimas, esse fator trazido pelos profissionais e pelos familiares das vítimas sempre vinha como um sinônimo ou um acréscimo nas relações que essas mulheres se encontravam. Em consequência disso, mulheres que já se encontram em situações de risco, acabam se tornando ainda mais vulneráveis quando se encontram com companheiros que fazem uso dessa substância (VIERA, Leticia. Et al. 2014) sendo ela em vários momentos uma intensificadora de ações agressivas.

Além disso, os usos dessas substâncias em determinados momentos também podem significar uma atenuante as violências cometidas contra as mulheres, tornando-se assim, um alibi dos homens quando ações violentas são cometidas pelos mesmos. Por fim, o segundo e último fator, foi o instinto do homem como fator motivador e ao mesmo momento um legitimador de crimes cometidos por homens contra mulheres:



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Eu tenho um caso de um senhor de 60 anos, que tava preso, aguardando ser julgado (...) ele matou a esposa e ele contava assim pra mim (...) “eu tenho muita saudade da minha véia” ele falava, então, ele assim, ele era super caprichoso com a horta que tinha lá no presídio, com a horta e com tudo ao redor do setor penal que era onde eu trabalhava, com a limpeza, ele mantinha aquilo impecável. Chegava cedo (...) tava sempre capinando aqueles matinhos ao redor da calçada, tinha uma hortinha e ele tava sempre limpando ali com a inchada, sabe aquela pessoa que trabalhava o dia inteiro? Então, era ele. A gente tinha que falar “ô, tem que se recolher”, então ele dizia assim, que ele tava limpando a espingarda, a esposa falando muito no ouvido dele, falando muito e ele disse que em um momento de raiva ele pegou de um tiro nela, no peito e matou. E dai eu falo tem que ter realmente muito axiológica, vejo numa forma como um todo, porque é no calor de uma discussão, é no calor de um atrito, não é algo premeditado. Ai ele ficou abandonado lá, os filhos não iam visitar, ficou abandonado lá. (Profissional da Segurança Pública)

É possível notar na fala do profissional um sentimento de “compaixão” para com o senhor que acabou matando sua mulher em um momento de descontrole emocional, observa-se aqui, que em muitos casos de violência, a mesma continua sendo justificada por um momento de “calor”, de “emoção” e como comumente encontramos por um “instinto”. Portanto, não existiria no agressor nenhuma motivação em matar, ou algo planejado. Neste sentido, a violência nada mais seria do que um instinto de agressividade lido enquanto algo natural que se manifesta no homem.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

Podemos concluir que as motivações em falar sobre homicídio feminino são diferentes entre os profissionais de segurança e os conhecidos das vítimas, nos casos dos profissionais se constatou a partir dos dados coletados uma maior “recepção” ao se tratar este tema, por outro lado, essa mesma “disposição” não foi tão notória quando entrevistamos os conhecidos das vítimas, sendo necessária uma outra abordagem das pesquisadoras para a coleta das informações sobre homicídio feminino.

Em relação a compreensão dos profissionais e conhecidos das vítimas sobre a ocorrência de homicídio feminino verificamos que estes apresentaram algumas ideias sobre o crime que tiveram conhecimento. Contudo, essas ideias não são suficientes para garantir uma explicação clara dotada de coerência analítica sobre o porquê das mulheres vítimas de violência no Brasil por exemplo, ser a maioria. Logo, os entrevistados não vinculam os crimes as relações de poder que permeiam as relações gênero socialmente construídas. Nesse sentido, verificamos a partir das falas dos entrevistados que a violência ocorre porque a sociedade atual tende a banalizar a vida, um exemplo, pode ser a espetacularização da violência contra a mulher, que nutre uma representação sobre o corpo das mulheres nas páginas de jornais, nos programas de televisão e nas redes sociais.

Partindo desta constatação podemos perceber que a violência contra a mulher não é analisada a partir de uma consciência de gênero e feminista, se nos reportarmos ao campo dos estudos de gênero focados na violência contra a mulher, assim como a própria implementação da lei Maria da Penha, que justifica a existência e necessidade uma análise particular destas formas de violência que remetem a padrões de gênero disseminados em uma sociedade machista, patriarcal e sexista.

Por fim, compreendemos que as violências se apresentam em diversos campos, de diversas formas e intensidades, sendo necessário um estudo particular de cada caso. Entretanto, apesar da violência contra as mulheres ser de caráter universal, faz-se fundamental sua compreensão considerando as intersseccionalidades (classe, raça, geração, religião entre outras) presentes nas



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

relações de gênero. Buscando, a partir da análise destas intersseccionalidades verificar como algumas mulheres sofrem maiores riscos dependendo dos marcadores sociais que carregam consigo.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

ALMEIDA, Aline. Quatro vítimas por hora. Cuiabá. Diário de Cuiabá. Edição nº 14537. 29 de julho 2016. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=493570/>>. Acessado em: 03/03/2017

Agência Patrícia Galvão – Sobre Violência Contra as Mulheres <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/sobre-as-violencias-contr-a-mulher/>>. Acessado em: 03/07/2017.

ANJOS DOS, Lislaine. Violência contra a mulher em Cuiabá resultou em 561 prisões em 11 meses. G1 Globo, Mato Grosso, 02 de janeiro 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/01/violencia-contr-a-mulher-em-cuiaba-resultou-em-561-priso-es-em-11-meses.html/>>. Acessado em: 08/05/2017

ARRIAGADA, Irma. (2007). Estruturas familiares, trabalho e bem-estar na América Latina. In: ARAÚJO, Clara; PICANÇO, Felícia; SCALON, Celi (orgs). Novas conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada. Bauru: Edusc.

BOURDIEU, Pierre. (1999) A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CELMER, Elisa Girotti. (2010) In: Maria da Graça Blaya Almeida (org.). A violência na Sociedade Contemporânea. Porto Alegre. ediPUCRS.

Convenção de Belém do Pará. CONVENÇÃO INTERAMERICANA PARA PREVENIR, PUNIR E ERRADICAR A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, “CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ”. Adotada em Belém do Pará, Brasil, em 9 de junho de 1994, no Vigésimo Quarto Período Ordinário de Sessões da Assembleia Geral.

COUTOL, T. et al. Concepções de gênero entre homens e mulheres de baixa renda e escolaridade acerca da violência contra a mulher. Disponível em: <2006. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232006000500021&lng=pt&nrm=isso/>. Acesso em: 18/02/2017.

GARCIA, André. MT tem taxa de feminicídio maior que média nacional negras e pardas são maiores vítimas. Olhar Direto. Mato Grosso, 26 de fevereiro 2017. Disponível em: <<http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=431840/>>. Acessado em: 25/06/2017

HENAUT, Mirta. (2001) De la rueca a la red. La economía sumergida. Buenos Aires: Ediciones Corregidor.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Instituto Da Mulher Negra. Violência doméstica contra as mulheres negras cresce no país. Disponível em: <<http://www.fundosocialelas.org/falesemmedo/noticia/violencia-domestica-contra-as-mulheres-negras-cresce-no-pais/15913/>>. Acessado em 10/05/2017.

MENDES, Elayne. Mato Grosso é 5º em violência contra mulheres. G1 Globo, Mato, 28 de março 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/9/og/1/materia/473835/t/mato-grosso-e-o-5-em-violencia-contra-mulheres/>>. Acessado em: 17/04/2017

PORTELLA, Ana Paula; RATTON, José Luiz. A teoria social feminista e os homicídios: o desafio de pensar a violência letal contra as mulheres. *Contemporânea*, v. 5, n. 1 p. 93-118, Jan.–Jun. 2015.

SAFFIOT, I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu* (16) 2001: pp.115-136.

Secretária de Políticas Públicas Para as Mulheres. Publicado: 06/03/2015 10h05. Última modificação: 09/03/2015 09h44. Disponível em: http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/balanco180_2014-versaoweb.pdf>. Acessado em: 05/08/2017.

SCOTT, JOAN. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Direitos Humanos na Internet*. 1995. Trad. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html>.

SOUZA, André. Casos de violência contra mulheres aumentaram 29% na Grande Cuiabá. G1 Globo, Mato Grosso, 17 de julho 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/07/casos-de-violencia-contra-mulheres-aumentaram-29-na-grande-cuiaba.html>>. Acessado em: 19/06/2017

VIERA, Letícia. Et al. 2014, VIEIRA, Letícia Becker et al. Abuso de álcool e drogas e violência contra as mulheres: denúncias de vividos. *Rev. bras. enferm.* [online]. 2014, vol.67, n.3, pp.366-372. ISSN 0034-7167. <http://dx.doi.org/10.5935/0034-7167.20140048>.